Cadernos de Estudos Linguísticos
Número 3, 1982
Páginas 126-186

COMECEMOS A ACABAR DE COMEÇAR(?)

Prolegômenos para uma análise semântica de algumas perífrases verbais indicadoras de fase, do português

Marcelo Dascal
UNICAMP

I

As construções que nos propomos examinar neste trabalho podem ser aproximadamente reunidas na fórmula abaixo, em que os colchetes indicam a escolha obrigatória de um dos elementos neles contidos e os parênteses, escolha opcional apenas:

$$\left\{\begin{array}{l}\text{começar}\\ \text{acabar}\\ \text{parar}\\ \text{etc.}\end{array}\right\} + (\text{Prep}) + \left\{\begin{array}{l}\text{V. no Inf.}\\ \text{V. no Ger.}\\ \text{V. no Part.Pass.}\\ \text{Adj}\\ \text{Subst.}\end{array}\right\}$$

O 'etc.' refere-se a verbos menos usados que os três mencionados, mas de sentido suficientemente semelhante para que as construções nas quais figuram possam ser consideradas como pertencentes a uma mesma "famí

lia", do ponto de vista semântico. Entre tais verbos (acompanhados das respectivas preposições) incluiríamos: entrar a, por-se a, deitar a, pegar a, deixar de, estar por, terminar, e outros.

Eis aqui alguns exemplos das construções esquematicamente representadas pela fórmula acima:

(1) Começo a contar do meio da minha vida e já estou com 39 anos.

(2) Os homens nem olharam, e como ensaiados começaram a assoviar uma toada muito sem graça, vai ver que inventada por eles mesmos.

(3) E teemdo seu çerco sobrella, começarom de morrer na frota, e isso meesmo dos do arreall, de guisa que huũs e os outros eram muito anojados... (Fernão Lopes, Crônica de D.João I, citado por Klöppel, 1960; 23).

(4) Haviam começado a se interessar pelos favores de Vênus, nas sessões espíritas.

(5) Começou a anoitecer e vi o céu do lado da selva se transformar numa rotunda de estrelas.

(6) A lua começava a chegar na linha do horizonte.

(7) Quando não havia pesca, nem biscates, nem uma galinha ingênua, quando enfim, a vida começava a significar uma azeda melancolia, o Barbaças abria então o peito aos grandes sacrifícios, aceitando uma empreitada qualquer, ceifa ou colheita de azeitonas, cortes de lenha, etc. - a que ele se entregava com uma gana de quem tinha pressa em voltar ao repouso.

(8) Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante...

(9) Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro de obter dinheiro.

(10) A tinta já anda meio desbotada por aqui e algumas traças se locupletaram em alguns adjetivos, mas a história começa falando sobre um triângulo de terras que pertenciam aos índios amoaça, canamari e ipuriná.

(11) Ele vai ser como os outros. Começa duro, acaba amolecendo. Não é, Amâncio?

(12) A carreira de Pereira foi a jato; em menos de seis anos começou estudante e acabou catedrático.

(13) Mandovi esperou o homem acabar de achar graça, mas vendo que isso ia demorar um pouco aproveitou o tempo para apanhar as rodilhas inteiras, deixando os cigarros soltos, que no seu entender não lhe pertenciam mais.

(14) Eu tinha acabado de traduzir duas notícias e estava conversando com João Lúcio.

(15) Um dia o amante chegou tarde e falou-lhe de um encontro que acabava de ter com um amigo de África.

(16) Dizíamos que esse raio de comboio não acabava de passar, home...

(17) Pouco a pouco, acabei por passar muito rente à porta e demorar-me na vitrina e ver

coisas que não me interessavam.

(18) O pulso acelerava-se-lhe, o coração pulsava mais forte e ele acabava por mergulhar numa sonolência lúcida, em que a realidade e o sonho se misturavam.

(19) Longe, a família, à qual não escrevera em dois anos, continuaria por mais algum tempo à espera dele, ou de notícias: mas acabaria por esquecê-lo.

(20) Mas no palco os nosso entravam em luta com os soldados e acabamos subjugados.

(21) O turista brasileiro era eu e acabei impressionado com as sandices desse espanhol do século XIX.

(22) Quando ele bate, lento e o som de sino fica dançando no ar como um choro, como a voz duma pessoa que está se queixando, Tina pensa na vida, na morte, no passado e acaba chorando, chorando desatadamente.

(23) Vejo que vou acabar fazendo uma besteira.

(24) Quem diria que aquele rapaz acanhado, sossegado, apontado como exemplo, acabasse pondo as mangas assim tão de fora, desafiando a cidade com aquele namoro agarrado.

(25) Amâncio acabou se cansando de tanta zoeira, cruzou os braços e gritou lá do fundo...

(26) Depois de tantas entrevistas e revelações dos segredos mais íntimos diante do analista, o paciente acabou indefeso.

Tais exemplos são tomados, em sua maioria, de autores brasileiros e portugueses relativamente moder-

nos. Algumas construções, que cairam em desuso (e.g.(3)), merecem também ser incluídas. Para completar, acrescentamos quando necessário exemplos do português falado no Brasil, e baseamo-nos em nossa intuição de falante nativo para marcar com o costumeiro asterisco as construções que nos parecem agramaticais e com um sinal de interrogação as que nos parecem problemáticas.

Note-se que entre as construções consideradas, há as que, à primeira vista, dificilmente merecem o nome de 'perífrases verbais', já que nelas figuram adjetivos, particípios e mesmo substantivos e não formas propriamente verbais. Sua pertinência a nosso estudo pode ser sumariamente justificada se lembrarmos que, pelos menos no que diz respeito a alguns tipos de verbos, "the role of verb melts into that of predicate, and actions fade into qualities and relations" (Vendler, 1967: 109).

Tanto quanto sabemos, um estudo semântico sistemático desta família de construções do português não foi ainda empreendido. Há estudos sintáticos de algumas delas (p. ex., Pontes, 1973), estudos semânticos de outras (p. ex., Klöppel, 1960; Castilho, 1966), assim como estudos de construções paralelas em outras línguas(p.ex., Rohrer, 1977 - espanhol; Bausch, 1963 -francês; Perlmutter, 1970 - inglês, etc.). Entretanto, apesar das conexões visíveis entre os membros da família em questão, não dispomos ainda de uma descrição semântica integrada e coerente de seus membros. Além disso, embora alguns dos autores mencionados (Rohrer, p.ex.) façam uso dos conceitos e

métodos da semântica formal - especialmente da noção de condições de verdade e dos operadores empregados em lógica temporal - na descrição das construções em questão, um uso sistemático de tais métodos que, a nosso ver, muito contribuem para tornar a descrição semântica precisa e empiricamente testável, é ainda - neste campo - um desideratum. O objetivo de nosso trabalho é, portanto, duplo: procurar oferecer uma descrição semântica integrada do grupo de construções considerado, empregando, ainda que informalmente, as noções básicas da semântica formal e da lógica temporal. Tudo isso, evidentemente, dentro do modesto limite indicado pelo título adotado: e que melhor definição pode-se oferecer da noção de "prolegômeno" senão a de um "começo do fim de um começo"? Desde que, evidentemente, a frase que usamos no título não seja, ela mesma, agramatical...

II

Dissemos que vamos considerar o conjunto de construções exemplificado acima como constituindo uma "**família**" **semântica**. O "parentesco" semântico entre seus membros, que nos parece intuitivamente dado e expresso pelo rótulo 'indicadores de fase' (cf. Lyons, 1977: 710), ficará melhor elucidado - assim o esperamos - com a análise proposta. Indiquemos desde já alguns fatos que dão a esta tese uma certa plausibilidade inicial, oferecendo ao mesmo tempo material empírico para a análise.

A quase sinonímia das construções começar + por + inf. e começar + ger. é bastante óbvia.[1] Assim, (9) poderia ser parafraseada, praticamente sem alteração do sentido, por

(27) Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse enjeitando o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro.

Simetricamente, (10) pode ser parafraseada, sem modificação do sentido, por

(28) A tinta já anda meio desbotada por aqui e algumas traças se locupletaram em alguns adjetivos, mas a história começa por falar sobre um triângulo de terras que pertencia aos índios amoaça, arara, canamari e ipurinã.

As construções com gerúndio, por outro lado, são bastante próximas, ainda que não semanticamente equivalentes, a construções em que começar é seguido por adjetivos, substantivos ou outros sintagmas nominais. Assim,

(29) Ele começou levando e trazendo recados e chegou a diretor geral.

e

(30) Ele começou (como) moleque de recados e chegou a diretor geral.

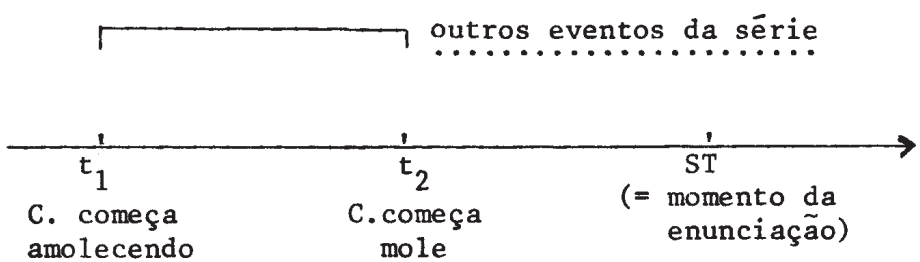
são sem dúvida bem próximas semanticamente. A diferença entre elas diz respeito provavelmente ao caráter mais permanente, mais alusivo a um estado, mesmo se apenas inicial, do ser-moleque-de-recados, face ao cará-

ter mais provisório, ainda que recorrente, do levar-e-trazer-recados. Num certo sentido, o estado descrito pela primeira oração de (30) é o resultado da repetição e, por assim dizer, institucionalização, da atividade descrita pela primeira oração de (29). Quando o verbo no gerúndio refere-se a um processo que tende a um fim determinado, a relação entre uma sentença contendo o gerúndio e a sentença contendo um adjetivo é a de processo a resultado de processo:

(31) Candoca começou amolecendo.

(32) Candoca começou mole.

Note-se que (29) e (30), assim como (31) e (32), diferem temporalmente. Suponhamos, com efeito, que em cada par de orações processo e resultado ou atividade e estado estão relacionados como acima sugerimos. Suponhamos também que cada par de orações refere-se à mesma série de eventos, o que permite compará-los temporalmente. Pode-se então observar que (32) e (30) situam os começos a que se referem em instantes posteriores aos dos começos indicados, respectivamente, por (31) e (32). Graficamente, teríamos, para(31) e (32):



Note-se também que os começos em questão não podem ser concebidos como fase inicial do processo descrito pelo verbo no gerúndio nem do estado denotado pelo adjetivo. Trata-se do início de uma série de eventos, processos ou estados da qual o amolecer ou o estar-mole são apresentados como elementos iniciais. A escolha de (31) em vez de (32) faz recuar no tempo o início da série. Mas nem (31) nem (32) referem-se diretamente às etapas do próprio amolecimento. Ambas tomam esse processo (ou seu resultado)como dados en bloc e, como tais, capazes de integrar uma série mais ampla de processos, eventos ou estados. Tanto é assim que em muitos casos a ação que marca o começo da série tem que ser considerada terminada, para poder funcionar como início de série:

(33) Começou escrevendo um conto e acabou escritor prolífico.[2]

Outras locuções, contendo sintagmas preposicionais, podem ser empregadas a fim de expressar conteúdos semelhantes aos das construções exemplificadas por (29)-(33):

(34) Começou com 10 cruzeiros no bolso e acabou milionário.

(35) Começou na miséria e acabou no maior luxo.

Todos os exemplos considerados até agora nesta seção têm em comum a peculiaridade de referirem-se a uma série - não necessariamente especificada - de eventos, processos ou estados, apresentando um determinado evento, processo ou estado - geralmente especificado - co

mo sendo aquele que inicia a série em questão. Tal não se dá, porém, com as construções começar + a + inf. (exemplos (1), (5), (6), (7)), que são, segundo os dados a nosso dispor, muito mais freqüentes que as anteriores. Nestes casos, o começo denotado é sempre o próprio começo da ação, evento, processo ou estado descrito pelo verbo no infinitivo, e não o começo de uma série de outros eventos.[3] Esta diferença, sem dúvida significativa, poderia fazer pensar em uma clivagem semântica profunda entre os dois tipos de construção, levando mesmo alguns à postulação da existência de dois verbos começar, semanticamente distintos. Além de anti-econômica e anti-intuitiva, tal posição não se justifica em vista da plausibilidade de uma descrição semântica integrada de ambas as construções. Intuitivamente, não há dúvida que se trata, nos dois casos, de uma mesma noção de "começo", de passagem de um não-fazer-uma-ação, de um não-ocorrer-um-processo, ou de um não-estar-em-um-estado, a um fazer/ocorrer/estar dessa ação/processo/estado em sua fase inicial. Em ambos os casos é necessário conceber alguma ação/processo/estado como divisível em "fases", identificáveis e ordenadas temporalmente. A diferença entre as duas construções reside principalmente nos diferentes âmbitos da ação/processo/estado a cuja fase inicial se referem. Estes fatos terão que ser tomados em conta em nossa análise.

O que foi dito a respeito das construções começar + por + inf., começar + ger. e começar + adj. (ou subst. ou sintagma preposicional) aplica-se mutatis mutan-

dis, às construções análogas com o verbo acabar, como em (11), (12), (17), (18), (19), (22)-(26). A estes exemplos pode-se acrescentar os casos de acabar + part. pass. (como em (20) e (21)). A situação é mais complexa no que diz respeito a acabar + de + inf. Enquanto alguns dos exemplos dessa construção correspondem aos de começar + a + inf., na medida em que podem indicar a fase final de um processo/ação, outros parecem referir-se não à fase final do processo/ação, mas sim ao fato desse processo/ação ter sido completado imediatamente antes do momento de enunciação (como em (15)). Outros exemplos parecem tolerar ambas as interpretações, sendo portanto ambíguos (como (14)). A diferença entre as duas interpretações passíveis de acabar + de + inf. é tão marcada que parece justificar a tese de que efetivamente temos aqui dois verbos distintos (cf. Pontes, 1973: 122). A isto se acrescenta o fato de que, em outras línguas, tais sentidos são expressos por lexemas inteiramente distintos (francês: venir de vs. finir). Além disso, em português, ainda que expressos pelo mesmo lexema, os dois sentidos opõem-se a expressões inteiramente distintas, a saber estar por e começar a, respectivamente[4]. Finalmente, se levarmos em conta a tese de Lyons, segundo a qual o sistema dos tempos verbais é essencialmente dêitico (isto é, refere-se necessariamente ao momento de enunciação), enquanto que o sistema aspectual (no qual se inclui, quando tomada no sentido amplo, a noção de fase) não o é (cf. Lyons, 1977: 705), teremos que admitir que os dois sentidos de acabar de pertencem a dois sistemas

semântico-sintáticos distintos, o temporal e o aspectual, sendo portanto razoável presumir que se trate efetivamente de dois verbos distintos homófonos.

Apesar do peso incontestável desses argumentos,não renunciaremos de antemão à tentativa de integrar também o sentido aparentemente independente de acabar + de + inf. à descrição semântica global da "família" considerada. A ela acrescentaremos,aliás,por simetria,também a locução estar + por + inf. Os argumentos acima merecem sem dúvida discussão cuidadosa. A alguns deles - especialmente ao que menciona a noção de aspecto - voltaremos mais adiante. Aqui,limitamo-nos a breves considerações a respeito dos referidos argumentos. Em primeiro lugar,note-se que a descrição semântica integrada não exclui diferenças de sentido - e mesmo consideráveis - entre as expressões analisadas. O que ela se propõe fazer é mostrar o "parentesco" semântico entre tais expressões, isto é,explicar como tais sentidos distintos são,apesar de tudo, relacionados entre si. A postução de dois verbos homofônicos,por outro lado, limita-se a constatar a diferença, igonorando as similaridades e deixando,portanto, de explicá-las. Metodologicamente, isto significa restringir-se ao nível mais baixo de generalização empírica: o do levantamento de fatos puramente distribucionais. A análise, porém, deve ir além desse nível. O apelo para a comparação com outras línguas, com sua sugestão implícita de uma universalidade subjacente à diversidade de línguas, já metodologicamente muito mais sofisticado. Em muitos casos tal procedimento pa-

rece justificar-se plenamente. Por exemplo, o fato de que muitas línguas empregam consistentemente dois lexemas distintos (esp.sino vs. pero, al. sondern vs. aber,hebr.ela vs. aval)para os diferentes usos do mas(port.), do but ingl.) e do mais (fr.) pode servir como argumento dando uma certa plausibilidade inicial à tese de que há na verdade dois mas, dois but e dois mais (cf.Ducrot, 1976;Dascal e Katriel, 1977). Entretanto, na ausência de outros fatos capazes de apoiar tal hipótese, o argumento em questão poderia ser simplesmente invertido:dada a existência de um só mas, but e mais, é igualmente plausível, prima facie,supor que sino e pero, sondern e aber, e ela e aval são semanticamente equivalentes ou pelo menos muito próximos, devendo ser descritos, portanto, de forma integrada. Quanto à diferença entre aspectualidade e temporalidade, diremos apenas que, mesmo admitindo-se a existência de uma diferença radical(em termos da oposição dêitico vs. não-dêitico) entre os dois sistemas,não se segue que eles sejam expressos em todas as línguas de forma independente, isto é,através de morfemas ou lexemas específicos (e Lyons certamente nem sequer sugere tal inferência). Pelo contrário, é a interpenetração dos dois sistemas nas formas dos chamados "tempos verbais" - entre outras - que torna sua separação e análise extremamente difíceis.Ora, essa mesma interpenetração, muito mais freqüente que uma separação estrita, sugere um forte parentesco entre ambos, justificando portanto uma tentativa de descrição integrada. Tal conclusão se impõe, a fortiori, em nosso ca

so, uma vez que a própria questão da pertinência de um dos sentidos de acabar de a um ou outro dos dois sistemas, apesar de seu caráter incontestavelmente dêitico, é questão aberta.

Intuitivamente, vimos que o núcleo semântico da maioria das expressões consideradas neste trabalho reside na concepção de uma ação/processo/evento como divisível em fases. Cada uma dessas fases é, ela própria, uma ação/processo/evento. Por outro lado, uma dada ação/processo/evento pode ser concebida, ela mesma, como fase de uma série de ações/processos/eventos, de âmbito mais amplo. Tais frases não se limitam ao início e ao fim. Há todo um conjunto de fases intermediárias, denotadas por verbos como continuar, recomeçar, interromper, etc. que deveriam, a rigor, ser incorporados à família considerada. Da mesma forma, é possível estender a noção de "fase" ao que ocorre antes do início da ação considerada ou depois de seu fim. Trata-se apenas de explorar a possibilidade acima indicada de encarar uma ação como parte de uma série, mais ampla, de ações. Tais "fases"pre-inicial e pós-final seriam as denotadas pelas expressões estar por e acabar de (em um de seus sentidos), respectivamente. É nessa direção que se orientará nossa análise.

III

O uso freqüente, na seção anterior, do advérbio 'intuitivamente' e seus congêneres, deixa entre-

ver as dificuldades que qualquer análise semântica das construções em questão terá que enfrentar. Será preciso, ainda que informalmente, ir mais além da intuição e da terminologia intuitiva, para pelo menos estabelecer as bases de um tratamento formal satisfatório do tema. Na verdade, a maioria das análises tradicionais, embora oferecendo material extremamente útil, peca justamente por contentar-se com a sugestividade de uma terminologia intuitiva.

Como vimos, a relevância da noção de aspecto verbal para a descrição e diferenciação de construções desse tipo, é geralmente reconhecida. Algumas línguas, com efeito, empregam morfemas verbais especiais para expressar exatamente aquilo que o português expressa por meio de perífrases. Acontece porém que a caracterização semântica tradicional dos aspectos deixa muito a desejar, de modo que o simples recurso a seus nomes nada ou quase nada explica. Segundo uma concepção corrente, o aspecto verbal refere-se ao "ponto de vista" (geralmente o do locutor) a partir do qual uma ação/processo/estado é considerada. Assim, as referências temporais de duas sentenças podem ser idênticas, enquanto que elas diferem apenas em seu "aspecto". Tal parece ser o caso, por exemplo, das sentenças:

(36) O povo acabou por aceitar essas visitas como uma rotina inevitável.

e (37) O povo começou por aceitar essas visitas como uma rotina inevitável.

Supondo que ambas as orações se referem ao mesmo evento (à aceitação da rotina), pode-se dizer que ambas o situam temporalmente de forma idêntica, no que diz respeito aos momentos de enunciação (ST), de referência (RT)e de ocorrência do evento (ET)[5]. São somente "pontos de vista" (do narrador, no caso) distintos que se expressam na apresentação do evento ora como um "começo" ora como um "fim" de uma série de eventos. O primeiro ponto de vista reflete a "expectativa" de que outros eventos da mesma série se seguirão; o segundo, a de que outros eventos o precederam e de certo modo a ele levaram. Além disso, há no primeiro a expectativa de uma modificação iminente da situação criada pelo evento, e no segundo,a suposição de que o evento ocorreu face a circunstâncias adversas ou como conseqüência de um "esforço prévio ao desfecho do processo" (Castilho, 1966: 65).

Todos esses elementos seriam, tradicionalmente, considerados parte da diferença de "aspecto" entre (36) e (37). A questão, porém, é determinar, de forma mais precisa, a natureza dessas diferenças. Seriam elas todas representáveis em termos de diferenças nas condições de verdade das duas orações? ou talvez, apenas como diferenças em suas pressuposições semânticas? ou ainda, em suas pressuposições pragmáticas? A noção, global ou específica, de "aspecto", em seus termos tradicionais não esclarece estas questões. As descrições (mais que definições), extremamente sugestivas, ofereci

das por Tesnière (1963: 76) para os dois aspectos pertinentes para uma análise de (36) e (37) claramente não são capazes de captar as peculiaridades semânticas destes exemplos:

> "L'aspect correspondant à la question quo? est l'aspect terminatif, qui exprime le temps ligne-point, c'est-à-dire à la fois la durée pendant laquelle le procès se déroule sur la ligne du temps, et le point de cette ligne jusqu'auquel il se déroule et où s'en trouve par conséquence situé l'aboutissement..."
>
> "L'aspect correspondant à la question unde? est l'aspect inchoatif, qui exprime le temps point-ligne, c'est-à-dire à la fois le point de la ligne du temps depuis lequel le procès se déroule et où s'en trouve par conséquent situé le commencement, et la durée pendant laquelle il se déroule ensuite sur cette ligne..."

Além de insuficientes para descrever (36) e (37), tais definições não procuram esclarecer certas questões fundamentais. Por exemplo, o 'à la fois' que nelas aparece indica uma conjunção lógica dos dois elementos num mesmo nível lógico (duração + começo, duração + término), isto é, dois elementos tais que a falsidade de qualquer deles acarretaria a falsidade de toda a oração? Ou se trataria mais de um 'à la fois' relativo a elementos de níveis distintos, um deles explicitamente afirmado e o outro apenas "pressuposto"? Talvez os exemplos em questão se encaixem melhor no que Tesnière também considera como pertencente ao aspecto verbal, mas quando "vu du point de vue affectif" (1965: 77), embora tal conceito seja introduzido para explicar o emprego dos advérbios encore

e déjà. O "point de vue affectif" introduz as expectativas, respectivamente, de terminação anterior e de início posterior da ação:

> "De ce point de vue, encore correspond à l'aspect terminatif, et exprime que le procès n'est pas encore terminé au point du temps où l'on s'attendait à ce qu'il le fût (ou bien où on aurait souhaité qu'il le fût..."
>
> "Du même point de vue, déjà correspond inversement à l'aspect inchoatif et exprime que le procès est déjà commencé au point du temps où l'on ne s'attend pas à ce qu'il le soit, ou bien où l'on aurait souhaité qu'il ne le fût pas..."

Tais expectativas correspondem de forma vaga as que mencionamos ao discutir os exemplos (36) e (37), sem porém recobri-las inteiramente. Num certo sentido, as construções com já e ainda referem-se mais propriamente às fases pós-inicial e pré-final da própria ação considerada e não à sua colocação relativamente a uma série de outros eventos, como em (36) e (37). Tais fases são, aparentemente, simétricas às fases pré-inicial e pós-final expressas por estar por e acabar de (num de seus sentidos). O que nos parece importante nas sugestões de Tesnière é o fato de chamarem a atenção para o elemento modal presente no uso em questão de déjà e encore. As fases por eles expressas, com efeito, o são sempre dentro de um contexto modal. No caso, a modalidade que as caracteriza é a da desirabilidade (ou não) e a da expectativa. Isto significa que seu tratamento semântico adequado requer, além da noção de condições de verdade, o emprego do con-

ceito de mundo possível: "Eles já estavam bêbados às 9 da manhã" requer, para sua compreensão, a imaginação de uma outra série de eventos, distinta da que ocorre na realidade, isto é, de um outro "mundo possível", no qual às 9 horas da manhã, eles não estão bêbados. Acreditamos que também outras construções da família por nós estudada contenham elementos modais, para cujo tratamento a noção de "mundo possível" é indispensável, embora tais elementos sejam menos perceptíveis à primeira vista. O problema que sua análise semântica deve enfrentar é o de caracterizar e diferenciar com clareza a intervenção do elemento modal em cada um dos tipos de locução, tarefa que análises como a de Tesnière deixam praticamente de lado.

Um outro conjunto de considerações - não facilmente distinguível da questão do aspecto - que a análise deve tomar em conta diz respeito à interação entre começar e acabar e os tipos de verbos no infinito ou gerúndio aos quais se associam. O emprego anterior, nem sempre satisfatório de termos como 'processo', 'estado', 'ação', 'evento', 'resultado', e de suas combinações disjuntivas, já deve ter sugerido a relevância de uma tipologia verbal para a análise de nossas locuções. Dramatizando um pouco, poderíamos apresentar o problema sob a forma de um "paradoxo". Consideremos as orações:

(38) Felício começou a correr.

(39) Felício correu.

(40) Fagundes começou a escrever um romance.

(41) Fagundes escreveu um romance.

Suponhamos que o momento de enunciação dessas orações seja o mesmo. Enquanto que (39)segue-se logicamente de(38), (40) não implica logicamente (41)[6]. Sendo as implicações lógicas de uma oração intimamente relacionadas com seu conteúdo semântico, é claro que a análise semântica de (40) e (38) deve dar conta de sua diferença em termos das diferenças entre os tipos de verbo (ou sintagmas verbais) que nelas figuram.[7] Poder-se-ia distinguir os dois verbos (sintagmas nominais) em questão em termos da dicotomia aspectual imperfectivo vs. perfectivo. Certas línguas,como o russo e o grego, empregam distinções morfológicas para marcar essa diferença (entre uma ação quando concebida como completa ou tendendo a um fim determinado e uma atividade não necessariamente completa ou bem sucedida). A mesma diferença pode ser expressa, em línguas como o português, não por morfemas de aspecto, mas por lexemas inteiramente distintos: o par tratar vs. curar, por exemplo, corresponde às formas russas lečit (imperfectivo)vs. vylečit (perfectivo) (Mourelatos, 1978: 418). Para evitar confusões desnecessárias com os nomes de certos tempos verbais (perfeito, imperfeito), preferimos empregar os termos atélico vs. télico (cf. Castilho, 1966; Garey, 1957) para referir-nos a esta distinção de aspecto. Em termos desta diferença, a explicação para o "paradoxo" acima consistiria então em simplesmente restringir a validade do esquema inferencial (42) à categoria dos verbos (Φ) atélicos:

(42) S começou a $\overline{\phi}$-r.

∴ S $\overline{\phi}$-ou.

(onde 'r' indica um infinito genérico e 'ou', um passado genérico). A mesma restrição, evidentemente, posta ao esquema inferencial:

(43) S parou de $\overline{\phi}$-r.

∴ S $\overline{\phi}$-ou.

Neste respeito, parar + de + inf. comporta-se de forma análoga a começar + a + inf. Já acabar de, no sentido de completar, parece requerer uma restrição oposta. O esquema inferencial (44) se aplicaria a verbos télicos, mas não a verbos atélicos:

(44) S $\overline{\phi}$-ou.

∴ S acabou de $\overline{\phi}$-r.

Acontece, porém, que o aspecto, em seu sentido estrito, é apenas uma das características do sintagma verbal que afeta a interpretação semântica das construções aqui investigadas. O tipo de 'situação' (termo genérico para estado, processo, evento e ação) normalmente denotado por um verbo é outro fator a ser tomado em conta. É o que os linguistas alemães denominam 'Aktionsart' e que Lyons (1977: 706) propõe chamar de 'caráter' do verbo. Conhecer e reconhecer, por exemplo, diferem em 'caráter': o primeiro denota um "estado", o segundo, um "evento". E-

ventos são, na acepção de Lyons, "non extended dynamic situations that occur momentarily in time". Sendo momentâneos, não podem ter, strictu sensu, nem duração nem fases, em particular, fase final e inicial. É tal caracterização do verbo que desqualifica sentenças como:

(?) (45) Varela começou a reconhecer o criminoso às 9 da noite.

Tal sentença pode ser aceitável, mas não poderá significar que Varela começou o processo ou ato de reconhecer o criminoso às 9 da noite. Sua interpretação seria talvez: "Varela começou a dar sinais de reconhecimento do criminoso às 9 da noite". Compare-se "Varela está vencendo" (vencer também denota um evento): não pode significar "Varela se encontra no processo de vencer", mas somente algo como "a atuação de Varela (e/ou as demais circunstâncias) tornam sua vitória provável" (cf. Lyons, 1977:712),

É ainda o "caráter" semântico de reconhecer que desambigua totalmente (46), permitindo interpretá-la somente no sentido de passado imediato (o que chamamos de fase pós-final), e não no sentido de completação de ação ou processo :

(46) Olavo acabou de reconhecer o criminoso.

O "caráter" também parece ser responsável pela exclusão total de (47):

*(47) Vieira parou de reconhecer o criminoso.

e pela possibilidade de interpretar (48) quando muito no sentido de (49):

?(48) Vieira deixou de reconhecer o criminoso.

(49) Vieira não reconheceu o criminoso.

Ao contrário de "eventos", "estados" persistem no tempo, podendo portanto ter fase inicial. Veja-se, por exemplo, (7), ou ainda:

> (50) Os homens da tapera continuaram visitando Amâncio na venda, chegavam de repente, tomavam conta, às vezes ficavam até noite alta, outras vezes saíam logo, levando vara e anzol no rumo do rio, nunca voltavam com peixe que valesse a pena, tanto que o povo começou a desconfiar daquelas pescarias de pouco rendimento.

Não sendo télico, um verbo de estado não pode ter, *strictu sensu*, fase final (no sentido de completação), nem pós-final:[8]

*(51) Barbosa acabou de morar em Paranaguá.

Os exemplos acima são suficientes para ilustrar a necessidade de tomar em conta tanto o "aspecto" como o "caráter" - e provavelmente também outras propriedades - dos sintagmas verbais, em uma análise das construções que nos dispomos a estudar. A conclusão geral de Lyons (1977: 712) é sem dúvida correta:

> "It has now become clear that such notions as duration, completion, momentariness, inception and termination (which were listed earlier as being among the more common notions to which reference is made in general discussion of aspect) are not applicable to every kind of situation".

Mas, além do reconhecimento das restrições de caráter distribucional relativas a tais noções, é preciso mostrar como interagem tais noções na determinação da interpretação semântica das sentenças em que se combinam. Alguns dos estudos de tipologia verbal e do aspecto, no sentido mais restrito do termo, são bastante úteis nesse respeito. Partindo das primeiras tentativas de sistematização, obra dos filósofos Vendler (1967) e Kenny (1963), os trabalhos de tipologia verbal nos parecem apresentar uma certa convergência, na direção de esquemas classificatórios bastante semelhantes, como os de Lyons (1977) e Mourelatos (1978). Remetemos o leitor a esses autores, dos quais empregamos alguns conceitos no que se segue. No que diz respeito à formalização da análise semântica dos aspectos, remetemos aos trabalhos de Hoepelmann (1976, 1978).

Uma outra dificuldade, face a qual nos absteremos de tomar posição, deve ser pelo menos mencionada. Trata-se, de um modo geral, da questão da análise sintática correta das expressões aqui discutidas. Empregamos em nosso título o termo 'perífrase' com certa liberdade, parecendo assim pressupor que começar, acabar, etc. funcionam como auxiliares. Pode haver, porém, argumentos contra isso. De qualquer forma, a análise semântica aqui proposta não depende da adoção desta ou daquela análise sintática específica.[9]

IV

Passemos agora em revista algumas das descrições semânticas existentes para as construções por nós investigadas.

Klöppel (1960) examina as construções *começar + (prep) + infinitivo*, às quais atribui sete 'funções' - ou seja, significados - distintas. Tais funções dependem da natureza do verbo ao qual se associa *começar* (essencialmente, se é um verbo 'perfectivo' ou 'imperfectivo), do tipo de preposição usada (*a*, *de*, *por*), e do número (singular ou plural) em que é conjugado *começar*. As 'funções' ou significados atribuídos às construções em questão são descritos em termos das várias 'Aktionsarten' possíveis, cujos nomes são por si mesmo sugestivos. As conclusões de Klöppel podem ser resumidas no quadro da página seguinte.

Em sua descrição destas funções, Klöppel oferece indicações sem dúvida valiosas, mas não se preocupa em estabelecer condições de verdade para cada uma delas, nem em distinguir aquilo que pertence propriamente ao nível do que é afirmado pela sentença (em seu uso normal) e aquilo que é apenas pressuposto, implicado, etc. por ela.

O *inceptivum* é definido como a modalidade segundo o qual "apenas os primeiros momentos de uma ação/processo apresentam-se à consciência do locutor ou receptor"(p.17). Tal definição é deficiente em vários as

Começar no	preposição	infinitivo de um verbo	Aktionsart	Exemplo típico
singular	a, de, Ø	imperfectivo	INCEPTIVUM	(1)
plural	a, de, Ø	imperfectivo	INCEPTIV-SUCCESSIVUM	(4), (54)
plural	a, de, Ø	perfectivo	SUCCESSIVUM	(3)
singular	a, de, Ø	perfectivo ("medial")	LENTO-PERFEKTIV	(5)
singular	a, de, Ø	perfectivo	Ø(não modifica modal ou temporalmente a preposição; só ocorre nos sécs. XII e XIII).	
singular	a, de, Ø	{perfectivo / imperfectivo}	INCEPTIV-FREQUENTATIVUM ou ITERATIVUM	(55), (56)
{singular / plural}	por	{perfectivo / imperfectivo}	1º ato/fase de uma ação/ processo do qual é parte	(8), (9)

pectos. Ela não esclarece o que vêm a ser os "primeiros momentos" de uma ação/processo, isto é, não explicita a própria noção de 'começo". Tal defeito reaparece na caracterização aparentemente circular do inceptivo dada mais adiante por Klöppel (p.18), segundo a qual a perífrase em questão "simplesmente expressa linguisticamente o começo de uma ação ou processo, sendo o seu resultado ou completação desconsiderados pelo locutor". Certamente todos nós temos uma noção intuitiva de começo, mas a tarefa de uma análise semântica de construções envolvendo o verbo começar é a de explicitar tal noção e não a de meramente servir-se dela. Além disso, a definição acima apela para os conteúdos presentes à consciência do locutor (ou do receptor), pressupondo aparentemente uma teoria semântica ideacional do tipo Lockeano, teoria que a semântica contemporânea tem criticado severamente. Em termos formais, tal apelo, se tomado a sério, requereria a relativização das condições de verdade de uma sentença como (1) ao conjunto de crenças (beliefs) do locutor e/ou do receptor. Embora uma relativização desse tipo nos pareça necessária para dar conta do significado de outras perífrases (cf.o que dissemos acima a respeito das construções do tipo acabar + por + inf.) neste caso ela parece ociosa e complicaria desnecessariamente as coisas.

Segundo Klöppel, o inceptivo, no sentido acima, só pode ocorrer com verbos imperfectivos, de modo que quando começar combina-se com o infinitivo de

um verbo semanticamente perfectivo, ou o caráter do verbo se altera, ou então a perífrase assume outra função, não inceptiva. Uma dessas outras funções é a chamada por ele 'successivum'. Neste caso, diz Klöppel (p.22), a ação é considerada como um conjunto de ações/processos individuais, algumas das quais podem coincidir temporalmente; o efeito do uso de começar é o de subdividir a ação principal, e uma interpretação propriamente inceptiva da perífrase fica excluída. Desta caracterização do successivum reteremos a idéia importante da inclusão de uma ação/processo em uma ação/processo mais complexa ou em um conjunto de ações do mesmo tipo. Entretanto, embora correta em linhas gerais, a caracterização de Klöppel peca por falta de precisão e especificidade. A idéia de "sucessão", por exemplo, é fundamental aqui, para explicar o uso de "começar". Logo, embora algumas das ações do conjunto possam efetivamente ser simultâneas, é preciso estipular que pelo menos algumas não o são. Se todos morressem juntos, não se poderia corretamente usar (3), para descrever a situação. Ou seja, para que (3) seja verdadeira, em t, é preciso que em $t_1 < t$ a situação seja tal que em um intervalo de tempo anterior a t_1 não há mortes, em t_1 há algumas mortes e depois de t_1, durante algum intervalo de tempo, continuam ocorrendo algumas mortes. Além disso, embora o aspecto sucessivo requeira uma pluralidade de ações individuais, tal pluralidade é semântica e não tem que se expressar necessariamente no traço morfológico "plural" associado ao verbo começar. O

mesmo aspecto sucessivo é veiculado por (52) e talvez até por (53):

(52) Nepomuceno começou a vencer as carreiras de fundo em seus tempos de ginásio.

(53) À ordem de atirar, começou a carnificina.

A introdução por Klöppel de uma função distinta, "inceptiv-successivum", para dar conta de exemplos como (4) e, mais tipicamente, (54), parece-nos desnecessária.

(54) A çega sanha que em taaes feitos nehuũna cousa esguarda, começou tamto darder nos emtemdimentos do poobo, que aa porta primçipall da egreja estava, que começarom de bradar altas vozes aos de çima, que estavom fazemdo que nom deitavom o Bispo afumdo? (Crônica de D. João I, cit. por Klöppel, p. 20).

Aqui também trata-se de uma sucessão de ações individuais vistas como membros de um conjunto mais amplo. O fato de cada uma de tais ações não ser necessariamente completa é irrelevante. As condições para que (54) seja verdadeira (mais precisamente, sua parte referente aos brados) são exatamente análogas às de (3): é preciso que não haja brados pelo menos num intervalo de tempo antes de t_1, que haja alguns brados em t_1 e outros depois de t_1. Uma vez que um brado poderia teoricamente começar em t_1 e continuar indefinidamente, é preciso especificar, para garantir a pluralidade requerida pela sucessão, que outros brados iniciam-se depois de t_1. Provavelmente é

este fato, a saber, que se trata aqui de uma sucessão de começos que faz Klöppel pensar em uma função distinta da função sucessiva. Note-se porém que começar é, em si, um verbo perfectivo, de modo que uma sucessão de começos não se dintingue, a este respeito, de uma sucessão de mortes. Além disso, a diferença entre verbos perfectivos e imperfectivos, expressa por seu comportamento dintinto ao esquema inferencial (42), é parcialmente neutralizada quando a perífrase expressa o aspecto sucessivo: de (3) segue-se que pelo menos alguns dos indivíduos referidos morreram, e de (54), analogamente, que pelo menos alguns bradaram[10]. Note-se ainda que (54) pode ser interpretada como um verdadeiro caso de inceptivo, a saber, quando todos os indivíduos mentados começam a bradar juntos. Ou seja, a sentença é ambígua, ora veiculando o aspecto inceptivo, ora o sucessivo. Mas isto não é uma razão para unir as duas interpretações em uma só, denominada "inceptivo-sucessivo".

A função "freqüentativa" da perífrase é descrita por Klöppel como aquela que indica "o começo de uma ação que se torna habitual" (p.25). Ocorre tanto com verbo perfectivo como com imperfectivo, sendo no primeiro caso rotulada "iterativa".

(55) Ao entardecer do segundo dia, estando os bois ainda parados, imóveis, como fincados no chão, Pe. Prudente começou a receber apelos para fazer qualquer coisa para enxotar o gado - orações, ladainhas, coisas assim.

(56) No dia seguinte, o Freitas "Estudante" come

çou a trabalhar na mercearia. (cit. por Klöppel, p.26).

Segundo Klöppel, o que distingue a função freqüentativa da sucessiva é o fato de que na primeira o sujeito que efetua as ações que compõem a série de ações é o mesmo, enquanto que na segunda, os sujeitos podem ser (e talvez devam ser) diferentes. O traço "sujeito plural" torna-se assim essencial para estabelecer esta diferença. (52) seria classificada por Klöppel como freqüentativa (iterativa) e não como sucessiva, conforme sugerimos acima. Ora, nestes termos, tal distinção não nos parece corresponder a uma diferença semântica profunda. Considere-se as passivas de (52) e (55), respectivamente (57) e (58):

(57) Carreiras de fundo começaram a ser vencidas por Nepomuceno em seus tempos de ginásio.

(58) ... apelos para fazer qualquer coisa... começaram a ser recebidos pelo Pe.Prudente...

Sendo seus sujeitos plurais, passariam tais orações a ter aspecto sucessivo e não freqüentativo (iterativo), conforme as orações ativas correspondentes? Por outro lado, a passivização de (59) em (60) a faria mudar do aspecto freqüentativo (iterativo) ao aspecto sucessivo?

(59) Foi então que o meu Príncipe começou a ler apaixonadamente, desde os Ecclesiastes até Schopenhauer, todos os lyricos e todos os theoricos de Pessimismo. (cit.por Klöppel, p. 26).

(60) Foi então que todos os lyricos e todos os

> theoricos de Pessimismo ... começaram a ser apaixonadamente lidos por meu Principe.

Na ausência de uma diferenciação semântica mais convincente, não podemos portanto considerar a função frequentativa como substancialmente distinta da sucessiva.

Quanto ao "lento-perfectivo", sua característica, segundo Klöppel é que o processo/ação, a cujo começo a locução se refere, é concebido como chegando ao seu término, ainda que não instantaneamente. Aparentemente, tal característica poderia ser captada, em termos dos esquemas inferenciais acima apresentados, dizendo-se que o esquema (42) aplica-se nestes casos, à semelhança do que ocorre com os verbos atélicos. De (5), por exemplo, segue-se que anoiteceu; de (6), segue-se que a lua chegou. Não só isso, já que esta perífrase mantém seu caráter perfectivo, também o esquema (61) parece ser válido nestes casos:

(61) S começou a Θ-r.

∴ S acabou de Θ-r.

(Note-se que em (5) o verbo é impessoal, não havendo sujeito). Em base a seu comportamento diferencial com relação aos esquemas inferenciais em questão, poder-se-ia pensar em uma subdivisão dos verbos perfectivos em duas subcategorias, que não parecem corresponder nem às sub-categorias de Vendler ("accomplishment" vs. "achievement"), nem às de Mourelatos ou de Lyons.

Finalmente, para a descrição das constru-

ções do tipo começar + por + inf., Klöppel emprega as noções por nós acima empregadas, a saber, a de uma ação englobante (série de ações) e a de primeira ação ou fase inicial dessa série, sem ir além de tal caracterização informal, mas substancialmente correta:

> "Erstrecktsich eine Handlung oder ein Vorgang auf einem längeren Zeitrauum und werden dabei die einzelnen Akte oder Phasen die zwischen Anfand und Ende der Handlung, bezw. des Vorgangs liegen (die ihrerseits durch Hauptsätze ausgedrückt werden können), sprachlich erfasst, so kennzeichnet die Konstruktion mit começar den ersten Akt/ Phase innerhalb der übergeordneten Handlung/ Vorgang" (p. 26).

Seus dois exemplos desta construção merecem ser reproduzidos, o primeiro por incluir um interessante começar por deixar de brincar, e o segundo, pelo insight psicológico que sintetiza:

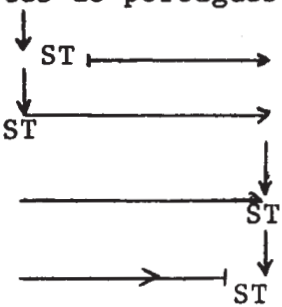
> (62) O garoto adoecera havia meses, começara por deixar de brincar com os irmãos, por se refugiar nos cantos, tomado de súbitos langores; entristecera e começara a emagrecer.
>
> (63) A mulher ama-se a si própria antes de ser amada, começa por descobrir sua beleza e por excitar-se com ela.

À luz das observações acima, podemos reduzir as principais funções mencionadas por Klöppel às seguintes oposições básicas:[11]

- A perífrase refere-se a
  - primeiros momentos de uma ação
    - não implica completação ..... INCEPTIVUM
    - implica completação ..... LENTO-PERFEKTIVUM
  - primeira ação de uma série de ações
    - as ações da série são semelhantes entre si (relação paradigmática)
      - FREQUENTATIVUM
      - ITERATIVUM
      - SUCCESSIVUM
      - INCEPTIV-SUCCESSIVUM
    - as ações da série não são necessariamente semelhantes entre si (relação sintagmática) ... PRIMEIRA FASE

Castilho (1966) discute as perífrases em questão no quadro de uma análise global do aspecto verbal em português. Quanto a começar ele pouco inova relativamente a Klöppel. Quanto a acabar, Castilho procura descrever de forma integrada as várias perífrases, chamando a atenção para suas características não só aspectuais, mas também temporais.

A descrição informal de Rohrer(1977) das perífrases que exprimem a "fase" em espanhol pode ser aplicada diretamente às quatro construções correspondentes do português:



"fase iminencial"	estou por fazer
"fase inceptiva"	começo a fazer
"concepção da ação em seu ponto final"	deixo de chorar
"fase egressiva"	acabo de fazer

(ST = speech time, momento da enunciação)

Entretanto, acabou por receber e acabou recebendo recebem, em sua análise, a mesma descrição: "aspecto pontual e passado remoto", o que oblitera a importante diferença - acima assinalada - entre ambas.

Empregando os operadores temporais definidos em Åquist, Guenthner e Rohrer, (1977: 69), Rohrer(p.122) propõe a seguinte definição para construções do tipo 'começar (A)', em que 'A' representa uma oração (infinitiva, presumimos):

(64) ~A ∧ A ∧ A

Procuremos explicar esta definição, justificando alguns de seus elementos e criticando outros. A definição afirma que a oração 'começar (A)' é verdadeira em um instante t se, e somente se, ~A é verdadeira num intervalo de tempo imediatamente anterior a t, A é verdadeira em t, e A é verdadeira num intervalo de tempo imediatamente posterior a t. A definição representa, essencialmente a noção de começo de uma ação como sendo a passagem de sua não ocorrência à sua ocorrência. Seu primeiro componente exige a não ocorrência de A somente em um intervalo de tempo anterior a t, e não em todos os instantes anteriores a t. Isto significa apenas que normalmente a perífrase não denota um começo "absoluto" da ação, mas sim um começo relativo a algum intervalo que o precede. Evidentemente, o limite inferior desse intervalo não pode ser fixado a priori, pois depende do tipo de ação considerada.

O terceiro componente da conjunção definitória (64) também se refere a um intervalo de tempo, como o primeiro. Ele é introduzido a fim de captar a idéia de que um começo tem que ser uma primeira, mas não única, etapa de uma ação. Isto é feito em termos da exigência de que no futuro imediato a t haja pelo menos um mínimo de continuação da ação. Quem afirma que Nicásio começou a chorar em t, parece estar também afirmando que nos instantes seguintes a t Nicásio continua a chorar.

Se nao, porque falar de começo? Rohrer observa que esta é a condição que exclui o emprego de começar em verbos pontuais. Já que estes denotam ações monolíticas, nas quais é impossível distinguir temporalmente "etapas", a condição em questão não pode ser satisfeita por eles:

*(65) Fernando começou a achar um lápis.

Antes de passar ao componenete intermediário da definição, examinemos melhor o status das duas partes recém-descritas da definição.

Duas reservas se impõem quanto à condição que exige a continuação da ação no futuro imediato. Primeiramente, é preciso notar que mesmo verbos pontuais admitem perífrases com começar. Veja-se acima o exemplo(6), e também:

(66) Foi quando resolveu trocar os pneus, na vigésima quinta volta, que Piquet começou a vencer o Grand-Prix de Mônaco.

É verdade que há algo estranho nesses exemplos, algo que poderia fazer pensar em um uso não literal, talvez metafórico, de começar. Não nos parece porém útil apelar para o conceito de metáfora neste estágio da investigação. A estranheza desses exemplos deriva, ao que nos parece, do fato deles sugerirem que a ação é, por assim dizer,encarada retrospectivamente, isto é, desde o "ponto de vista" de sua completação. Dada - ou suposta - tal completação, o locutor pode passar a analisar a ação como se tivesse realmente etapas.É por isso que, tanto (6) co-

mo (66) implicam a completação da ação. Nesse sentido, elas possuem a característica típica do "lento-perfectivo" de Klöppel. As fases ou etapas iniciais consideradas retrospectivamente podem ser vistas não como fases da própria ação, mas sim como fases pré-iniciais, preparatórias, que com a ajuda da visão retrospectiva ('hindsight') são percebidas como levando à ocorrência da ação. Esta sugestão tem a vantagem de preservar o caráter pontual dos verbos em questão, assim como a de ligar esta perífrase à que representa a fase "ingressiva" (estar por). À diferença desta última, porém, a anterior pressupõe ou implica a completação da ação em questão. Ou seja, há entre elas uma diferença quanto ao ponto de vista - tanto aspectual como temporal - no qual se situa o locutor.

Em segundo lugar, observemos que o terceiro componente da conjunção (64) pode na verdade ser cancelado por meio de uma oração coordenada começando com mas, sem que se obtenha com isso uma contradição:

(67) Policarpo começou a chorar, mas não passou da primeira lágrima.

Se a continuação do choro no futuro imediato a seu início fosse parte do que é asseverado pela enunciação "Policarpo começou a chorar" - como requer a definição (64) -, (67) teria que ser literalmente contraditória, como o é (68):

(68) Policarpo é solteiro, mas é casado desde setembro último.

Apesar de normalmente veiculada por "Policarpo começou a chorar", a idéia de que o choro continua pelo menos depois do momento em que começa, sendo cancelável, não pode ser parte do conteúdo semântico primário da referida oração. A cancelabilidade é, aliás, um dos testes propostos por Grice para verificar se um componente da significação - latu sensu - de um enunciado é de natureza semântica ou não. Grice emprega o termo "implicatura" para caracterizar os componentes da significação de um enunciado que, por serem canceláveis, não são propriamente semânticos, mas sim, provavelmente, "pragmáticos". Parece-nos que, no caso em questão, o status da condição "continuação da ação no futuro imediato" é o de uma implicatura convencional, como a que caracteriza o "contraste" veiculado pela conjunção mas - e não de uma implicatura conversacional, que dificilmente pode-se considerar associada a este ou aquele lexema.[12] Note-se que o recurso a noções pragmáticas, como a noção de implicatura, não é necessário somente no caso das perífrases aqui investigadas, mas também no caso da diferenciação de certos tempos verbais e de certos advérbios temporais (cf. Dascal, 1979). A condição em questão, portanto, mais do que um componente da asserção veiculada, tem a função de indicar que o locutor, ao falar de um começo, coloca-se em um "ponto de vista" a partir do qual a ação deveria continuar, pelo menos no futuro imediato. Ele concebe, portanto, um mundo possível no qual a condição em questão é satisfeita. Mas no mundo real as coisas podem ocorrer de

outra forma, sem que por isso a verdade de sua asserção original seja afetada, da mesma forma que a verdade de uma asserção do tipo "Felícia deseja casar-se" não depende da concretização do seu casamento.

O componente intermediário da definição é percebido como problemático pelo próprio Rohrer, devido a suas implicações. Com efeito, da definição (64) segue-se que uma sentença como (69) implica (70):

(69) Vitória começou a esquiar.

(70) Vitória esquiou.

Ou seja, a definição (64) acarreta que, qualquer que seja o sintagma verbal ligado a começar nas construções 'começar (A)', o esquema inferencial (42) é válido. Ora, vimos que com os verbos télicos tal esquema não pode ser válido. É provavelmente com este fato em vista que Rohrer propõe a definição alternativa:

(71) $\Diamond_P \boxed{\rightarrow}\ \neg A \wedge \neg A \wedge \Diamond_F \boxed{\rightarrow}\ A$

Admitindo que em certos casos (64) é a fórmula que convém, e em outros, (71), Rohrer sugere finalmente a disjunção (64) v (71) como a definição apropriada e geral para a perífrase em questão. Entretanto, esta solução em nada contribui para resolver o problema que chamamos anteriormente de "paradoxo". Na verdade, independentemente da ocorrência de A ou de ~A em t, a implicação de (42) permanece válida, qualquer que seja A, devido ao terceiro componente da definição. Esse componente garante, como vimos, que

A será verdadeira, senão em t, pelo menos em algum instante imediatamente posterior a t. Isto é suficiente para garantir que, num momento de enunciação posterior a t (e não contíguo a ele), se possa afirmar corretamente que A ocorreu. Para resolver o problema, seria preciso modificar portanto não só o segundo, mas também o terceiro componente da definição, que é comum a (64) e (71).

Åquist et al. (1977: 74) propõem uma definição disjuntiva muito mais complexa que a de Rohrer, contendo tantos disjuntos quantos aparentemente necessários para dar conta da diversidade de comportamento da perífrase com os diferentes tipos de verbos:

(72) Begin-to A =df ComesAboutAndThenRemains A v
v ComesAboutAndThenCeases A v
v RemainsFalseAndThenComesAbout A v
v CeasesAndThenComesAbout A

Desta definição, juntamente com as definições dos operadores "ComesAbout", 'Ceases', etc. segue-se a equivalência lógica:

(73) Begin-to A = (($\Diamond_P \Box\!\!\rightarrow$ ~A & A & $\Diamond_F \Box\!\!\rightarrow$ A) v
v ($\Diamond_P \Box\!\!\rightarrow$ ~A & A & $\Diamond_F \Box\!\!\rightarrow$ ~A) v
v ($\Diamond_P \Box\!\!\rightarrow$ ~A & ~A & $\Diamond_F \Box\!\!\rightarrow$ A) v
v ($\Diamond_P \Box\!\!\rightarrow$ A & ~A & $\Diamond_F \Box\!\!\rightarrow$ A))

Entretanto, tampouco essa enorme disjunção é capaz de dar conta da não validade do esquema inferencial (42) para um sintagma verbal do tipo "escrever um livro", já que

todos os disjuntos da definição acima legitimam tal inferência. Note-se também que, ao contrário de (64) e (71), (72) permite a aplicação de começar a verbos pontuais, graças a seu segundo disjunto. Não nos parece, porém que a análise que esse disjunto oferece para construções como começar + verbo pontual explica satisfatoriamente o significado destas, conforme esboçado acima. Cabe dizer ainda que, embora aparentemente vantajosas por reunirem numa só fórmula as condições de verdade de um conjunto de expressões, definições disjuntivas como as ilustradas acima possuem apenas uma generalidade superficial. Elas não correlacionam os diferentes disjuntos com as propriedades lexicais de cada verbo, deixando assim sem explicação a seleção deste ou daquele disjunto em cada caso particular. Sempre que possível convém, como já recomendou Chomsky, não contentar-se com meras disjunções.

Em sua análise da fase "iminencial" (estar por), Rohrer preocupa-se principalmente em distingui-la do 'futuro próximo', construído com o auxiliar ir no presente. Usando as categorias temporais introduzidas por Reichenbach, ele caracteriza a diferença desta forma: na fase iminencial, ST = RT e ambos precedem ET; no 'futuro próximo', RT = ET e ambos são precedidos por ST. A identificação do RT com um ou com o outro é feita com base na hipótese, amplamente aceita (cf. Smith, 1978), de que advérbios temporais sempre indicam o RT. Seria devido a esse fato e à coincidência necessária de RT e ST nas perífrases que de-

notam a fase iminencial que as orações como (74) são agramaticais:

* (74) Amanhã estou por sair.

A hipótese de que o advérbio temporal sempre denota o RT não é porém tão sólida quanto pode parecer, conforme mostramos usando exemplos do mais que perfeito e do pretérito do futuro (Dascal, 1979). Seja qual for a solução para o problema do advérbio temporal, um exame do conteúdo semântico da fase 'iminencial' revela que ela apresenta certas semelhanças assim como diferenças significativas com respeito à fase 'ingressiva'. Em ambos os casos há a idéia de uma passagem da não ocorrência da ação/evento à sua ocorrência, em algum momento. Com a perífrase iminencial, a passagem não tem necessariamente que se concretizar a fim de que a oração seja verdadeira. Não há contradição alguma em

(75) Flávia está por dar à luz, mas o parto não tem chances de se realizar.

No máximo, a informação adicional suprime uma implicatura natural da primeira oração de (75). Já uma oração com a perífrase ingressiva só será verdadeira se a passagem efetivamente tem lugar. Outra diferença é que, enquanto esta última envolve, como vimos, também a idéia da continuação da ação/processo mesmo depois de t - ainda que seja esta idéia uma simples implicatura convencional - , a primeira é completamente neutra a este respeito. Ela não se "interessa" pelo que ocorre depois do início da ação,

concentrando-se exclusivamente nas fases pré-inicial e inicial. Tanto é assim que sua combinação com verbos pontuais não apresenta qualquer dificuldade, ao contrário do que acontece com começar + a + inf. (cf. ex. (65)):

(76) Chico está por achar o lápis.

Por outro lado, a equivalência que observamos entre as perífrases começar + por + inf. e começar + ger., tem certamente sua análoga no caso de estar por, mas somente para verbos pontuais: está chegando = está por chegar, enquanto que está correndo ≠ está por correr. Ou seja, somente quando estar + ger. não admite a interpretação progressiva, que se refere à continuação futura (possível) da ação uma vez iniciada (cf. definição (79)),é que pode substituir estar + por + inf. Isto é mais uma indicação de que esta perífrase exclui qualquer menção da continuação possível ou real da ação depois de seu início em t. Parece-nos que a condição de "existência" do ser ou função denotados pelo tópico da oração, assinalada por Rohrer (p. 117), revela,em última análise, os fatores recém apontados. Rohrer chama a atenção para o fato de que orações como

*(77) Jaime construirá uma nova teoria que está por destruir definitivamente o morfema zero.

são inaceitáveis devido à não-existência do objeto denotado pelo tópico da oração (a nova teoria de Jaime) no RT. Ora, isto mostra novamente que a perífrase tem seu foco na fase pré-inicial: lá deve existir não só o tópico; tu-

do deve estar praticamente completo para que, chegado o ET, a ação venha a ocorrer; nada porém é afirmado por tal perífrase quanto ao que ocorre no próprio ET e depois; mesmo o tópico pode deixar de existir repentinamente, a partir de t, sem falsificar a oração! A perífrase em questão exprime, por assim dizer, a completação dos "preparativos" para a ação/evento.

Dada a semelhança das duas outras perífrases (acabar de e parar de) com as que acabamos de ver, não comentaremos aqui as observações de Rohrer a seu respeito.

V

Neste momento, colocamos sobre a mesa muito mais peças do quebracabeças do que contávamos fazer no início deste trabalho, quando insistimos na necessidade de um tratamento integrado da família de expressões por nós abordada. Continuamos acreditando nessa necessidade. As observações feitas nas seções anteriores a confirmam e, ao mesmo tempo sugerem linhas de ataque capazes de satisfazê-la. Satisfazê-la plenamente, porém, é coisa para trabalho mais prolongado. Teremos que nos contentar, dentro do espírito prolegomênico com que começamos, com a reunião de algumas das sugestões feitas e a proposta de algumas hipóteses nelas baseadas, para dar conta das características semânticas (assim como de algumas características pragmáticas) das locuções analisadas. Nossa es-

perança é que, estimulando as tentativas para refutá-las, tais hipóteses venham a contribuir para o avanço de nosso conhecimento do tema.

Lembremos inicialmente que o "paradoxo" que apontamos relativamente às implicações das perífrases com começar e acabar tem seu análogo no "imperfective paradox" assinalado por Dowty, e que se relaciona com os tempos progressivos do verbo (cf. nota 6). Para resolver esse problema - e não só para isso -, Dowty(1977) propõe as seguintes definições para os operadores BECOME ($\underline{\phi}$) e PROGRESSIVE ($\underline{\phi}$):

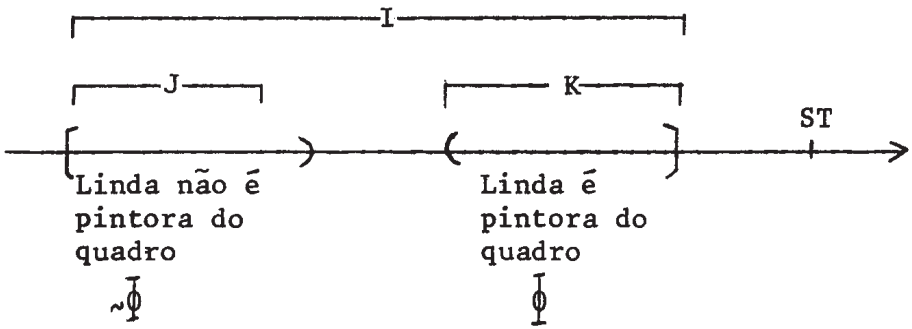
> (78) (BECOME ($\underline{\phi}$) is true at an interval I if,and only if, (a) there is an initial boundary interval J for I such that $\sim\underline{\phi}$ is true at J, (b) there is a final boundary interval K such that $\underline{\phi}$ is true at K, and (c) there is no non-empty interval I' such that I' $\subset$ I and such that (a) and (b) hold for I' as well as for I.

Este operador é, segundo Dowty, um componente de todo verbo télico. Deixando de lado suas dúvidas quanto ao status da condição (c) (seria ela propriamente parte das condições de verdade ou uma "felicity condition", no sentido de Searle, para o uso apropriado de tais verbos?), estipula que o intervalo I deve ser o intervalo mínimo capaz de satisfazer as condições (a) e (b), podemos representar num diagrama como o que segue o essencial da definição:

Linda pintou um quadro (= Linda se tornou pinto-

ra de um quadro =

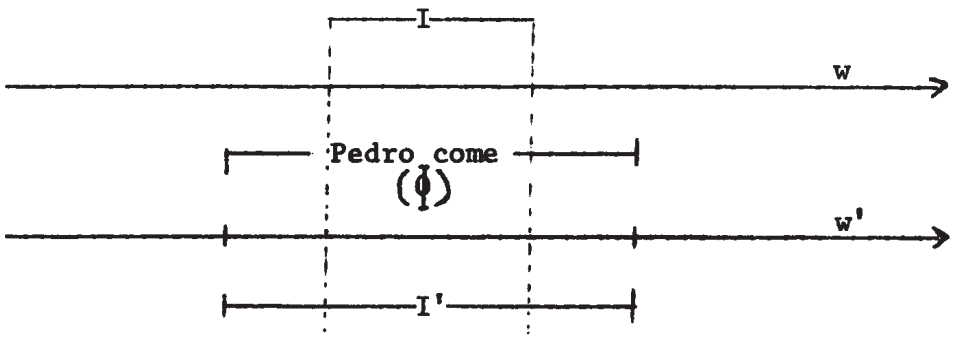
= BECOME (Linda é pintora de um quadro; past))



(79) (PROG (ϕ)) is true at I and at a possible world w if, and only if, there is an interval I' such that I ⊂ I' and there is a world w' for which ϕ is true at I' and w', and w is exactly like w' at all time preceding and including I.

Esquematicamente, o que esta definição estipula é o seguinte:

Pedro está comendo (= PROG (Pedro come))



O fato de que I' excede a I tanto na direção do passado como na do futuro é destinado a captar a idéia expressa pelo progressivo de que a ação descrita estende-se além

do intervalo (ou instante) considerado. Mas o fato de que I' se encontra no mundo possível w', mas não no mundo real w , exprime a idéia de que o progressivo representa a extensão da ação como sendo concebida (isto é, verdadeira em um mundo possível), mas não necessariamente como sendo realizada.

Quando o progressivo é aplicado a um verbo télico (Linda está pintando um quadro), semanticamente temos a combinação dos dois operadores (PROG (BECOME (φ)). A combinação de nossos dois diagramas (cf. Dowty, 1977: 57), mostra claramente que o sub-intervalo K, de I, deve ser concebido (em w'), como sub-intervalo de I', ou seja, em w' a ação deve completar-se, Linda tornando-se efetivamente pintora. Mas tal completação não tem que ocorrer em w, o que explica porque a inferência "Linda está pintando um quadro; ergo Linda pintou um quadro" é inválida. Por outro lado, o ouvinte tem direito a acreditar que a conclusão se segue, desde que o locutor não apresente informação suplementar que a faça cancelar. Ou seja, tal inferência tem o status de uma implicatura, a nosso entender, convencional.[13]

As perífrases com começar têm, como vimos, algo do "progressivo": elas descrevem a ação como estendo-se, na direção do futuro, para além do intervalo ou instante inicial; mas tal continuação é apenas vista como possível (talvez provável), mas não como necessariamente real (cf.exemplo (67)). Por outro lado, assinala-

mos que começar é, semanticamente, um verbo télico. Ou seja, ele deve conter, como os demais verbos télicos, o operador BECOME. Duas das idéias de Dowty podem ser portanto parcialmente aplicadas a tais perífrases. Elas têm que ser complementadas, porém, por uma outra idéia já mencionada, a saber, a idéia da partição de uma ação em etapas sucessivas. O BECOME de começar não pode deixar de aplicar-se, no mundo real, pelo menos à primeira etapa da ação; caso contrário, não haveria propriamente "começo" dessa ação. O que pode deixar de ocorrer, porém, isto é, o que pode ocorrer somente em um mundo possível w', são as demais etapas da dita ação, sem prejuízo da veracidade da afirmação de que a ação começou. Por outro lado, se uma ação está em sua fase inicial em I, ela não pode estar completada ou mesmo muito avançada em I. Seria pelo menos enganoso afirmar que a construção de uma casa está começando quando o que falta é apenas a pintura. Embora vaga, esta noção de "fim do começo" dever ser levada em conta também. Estas considerações podem ser representadas na seguinte análise:

(80) (COMEÇAR A (Φ)) é verdadeira num intervalo I_1, em um mundo possível w, se, e somente se:

(a) Existe uma partição temporal possível Π_{Φ} de Φ $\left[\Phi_1, \Phi_2, \ldots \Phi_n\right]$, contendo I_1 e pelo menos outro elemento, não necessariamente distinto de Φ_1;

(b) (BECOME (Φ_1)) é verdadeira em I_1 e em w;

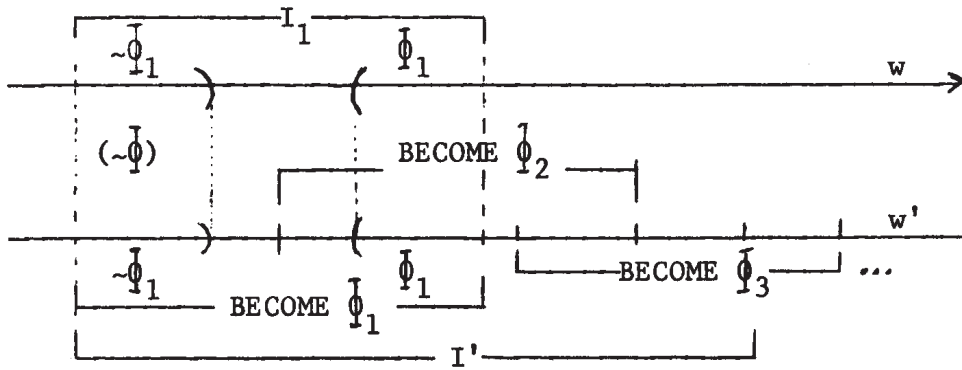
(c) Existe um intervalo I' de limite inferior coin

cidente com o de I_1, e tal que $I_1 \subset I'$, e existe um mundo possível w', idêntico a w em todos os instantes precedentes a e incluindo I_1, no qual, ou

(c_1) Π_{ϕ} é tal que, para todo i, $\phi_i = \phi_1$, e ϕ_1 é verdadeira em I'; ou

(c_2) Existe uma $\phi_k \in \Pi_{\phi}$, $k > 1$, tal que (BECOME (ϕ_k)) é verdadeira em I' mas não em I_1.

Graficamente, o caso correspondente a (c_2) pode ser representado:



Alguns comentários servirão para esclarecer as várias cláusulas da definição. A natureza da partição mencionada em (a) não é especificada na definição, propositalmente. São os diferentes tipos possíveis de partição que caracterizam os diferentes tipos de verbos. A única condição geral para tais partições é que ϕ_1 seja um componente necessário de ϕ.[14]

Em um verbo atélico como <u>correr</u>, a ação é

dividida de forma a conter um mesmo elemento em cada intervalo sucessivo (que pode também conter outros elementos). Isto pode ser expresso pela disjunção:

$$(81)\ \overset{I}{\Phi} = (\overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_1) \vee (\overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_1 \,\&\, \overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_2) \vee \ldots \vee (\overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_1 \,\&\, \overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_2 \,\&\, \ldots \,\&\, \overset{I}{\Phi}_1 \text{ em } I_n)$$

Uma dupla série de índices - os superiores indicando o intervalo de tempo e os inferiores, o tipo de sub-ação - nos permite abreviar (81) da seguinte maneira:

$$(82)\ \overset{I}{\Phi} = \overset{I^1}{\Phi}_1 \vee (\overset{I^1}{\Phi}_1 \,\&\, \overset{I^2}{\Phi}_1) \vee \ldots \vee (\overset{I^1}{\Phi}_1 \,\&\, \overset{I^2}{\Phi}_1 \,\&\, \ldots \,\&\, \overset{I^n}{\Phi}_1)$$

Um verbo télico possui, tipicamente, uma fase final. Quando usado com <u>começar</u>, refere-se também a uma fase inicial. As fases intermediárias, porém,não são especificadas. Sua partição temporal poderia, portanto, ser ilustrada por:

$$(83)\ \overset{I^1}{\Phi}_1 \,\&\, \bigvee \left[\bigwedge (\overset{I^j}{\Phi}_i),\ 1 < j < m,\ 1 < i < n \right] \,\&\, \overset{I^m}{\Phi}_n$$

(onde o segundo elemento dessa conjunção é uma abreviação para a disjunção de todas as conjunções da forma '$\overset{I^j}{\Phi}_i \,\&\, \overset{I^1}{\Phi}_k \,\&\, \ldots$ ', cobrindo todas as combinações de valores dos índices).

Pode haver também sintagmas verbais que exigem uma ordenação rigorosa de todas as fases da ação. Sua partição temporal seria então:

$$(84)\ \overset{I}{\Phi} = \overset{I^1}{\Phi}_1 \,\&\, \overset{I^2}{\Phi}_2 \,\&\, \ldots \,\&\, \overset{I^n}{\Phi}_n$$

Um verbo pontual não permite com facilidade perífrases com <u>começar</u> porque é "monofásico", fato que pode ser des

crito ou dizendo que não admite qualquer partição, ou que sua partição é idêntica à primeira fase, Φ_1. As etapas componentes da partição não têm que ser distintas: verbos que denotam "activity" ou "state" permitem perífrases com começar e podem, portanto, ser particionados, mas os componentes de tal partição são todos idênticos entre si, provavelmente. São ainda variações no tipo de partição que podem eventualmente dar conta do freqüentativo, de certas peculiaridades do sucessivo, e do lento-perfectivo. Note-se que as diferenças no tipo de partição explicam as restrições à validade do esquema inferencial (42), resolvendo assim o "paradoxo": um verbo caracterizado pela partição (82) permite a inferência em questão, enquanto que um verbo cuja partição é (83) ou (84) não a permite.

Quanto à continuação da ação no mundo possível w' (condição (c)), ela se limita a exigir, em geral, que uma das demais componentes da partição (Φ_1) se "concretize", em um intervalo subseqüente a I_1. Note-se que verbos atélicos e télicos recebem tratamento diferente, sob as condições (c_1) e (c_2), respectivamente. O operador BECOME não pode ser usado em (c_1), já que Φ_1 - o único membro da partição - deve ser verdadeiro em I_1 (pela condição (b)). A 'exigência de continuação' é, nesse caso, satisfeita por Φ_1 continuar a ser verdadeira depois de I_1. Em (c_2), as exigências de continuação e 'fim do começo' foram combinadas. A inclusão destas e-

xigências em w' indica que sua não ocorrência no mundo real apenas tornaria a sentença enganosa, mas não, a rigor, falsa.

Servindo-nos das mesmas noções básicas empregadas em (80), podemos agora propor também uma análise para <u>começar + por + inf.</u> (= <u>começar + ger.</u>):

(85) (COMEÇAR POR (ϕ)) é verdadeira num intervalo I_1, num mundo possível w, se, e somente se:

(a) existe uma ação/processo/ocorrência ψ e uma partição temporal possível $\pi_\psi(\psi_1, \psi_2, \ldots \psi_n)$ de ψ, contendo ψ_1 e pelo menos outro elemento, tal que $\phi = \psi_1$;

(b) (BECOME (ϕ)) é verdadeira em I_1 e em w;

e (c) existe um intervalo I', de limite inferior coincidente com o de I_1, e tal que $I_1 \subset I'$; e existe um mundo possível w', idêntico a w em todos os instantes precedentes a e incluindo I_1, no qual, para todo $\psi_i \in \pi_\psi$, $i > 1$, (BECOME (ψ_i)) é verdadeira em I', mas não em I_1.

A idéia central nesta definição é, evidentemente, a de que a ação (tomada aqui como termo genérico) ϕ é vista como fase inicial de uma ação englobante, ψ, idéia que pusemos em evidência anteriormente. As demais condições, aplicando-se a ψ, são praticamente idênticas às da definição anterior, exceto (c), que pode ser mais breve que em (80) porque o caso (c_1) parece ser inconcebível em perí-

frases deste tipo.

Uma definição das condições de verdade das perífrases com estar por, empregando os conceitos acima, também é possível. Para isso, há alguns caminhos disponíveis. Um deles - o único que exploraremos - consiste em estender à esquerda a partição de ϕ, de modo a obter uma nova partição que inclui a fase "pré-inicial" - chamemo-la 'ϕ_o' - da referida ação. Trata-se da fase em que, como sugerimos, todos os "preparativos" ou condições para a ocorrência de ϕ foram completados (e, neste sentido, ϕ_o, ao contrário das outras fases, não é propriamente parte de ϕ). Tudo indica que ϕ deverá seguir ϕ_o, mas isto pode não se dar na realidade, o que coloca a ocorrência do próprio ϕ, no plano de w' e não de w. No caso de verbos pontuais ou monofásicos, a "partição" de ϕ que será aqui 'estendida à esquerda' consiste num só membro.

(86) (ESTAR POR (ϕ)) é verdadeira num intervalo I_o, em um mundo possível w, se,e somente se:

(a) existe uma extensão à esquerda de uma partição temporal possível qualquer de ϕ, $\pi\phi$: $L_{\pi}(\phi)$ $\{\phi_o, \phi_1, \phi_2, \ldots \phi_n\}$ [15]

(b) (BECOME (ϕ)) é verdadeira em I_o e em w;

(c) existe um intervalo I', de limite inferior coincidente com o de I_o, e tal que $I_o \subset I'$, e existe um mundo possível w', idêntico a w em todos os instantes precedentes a e incluindo I_o no qual, para $\phi_1 \in \pi\phi$, (BECOME

$(\Phi_1))$ é verdadeira em I', mas não em I_o.

Note-se que, além de Φ_1 as outras etapas de uma possível partição de Φ não são sequer mencionadas na condição (c) por serem, como vimos, desconsideradas totalmente em perífrases com estar por. Uma versão mais fraca da definição teria, em lugar da condição (b), simplesmente a exigência de que Φ_o é verdadeira em I_o (e w), mas não que se torna verdadeira justamente nesse intervalo. Algo pode estar por ocorrer simplesmente em virtude do estado atual das coisas, ou seja, sem que nada digno de nota tenha-se tornado verdadeiro há pouco. Ainda assim, seria pelo menos estranho dizer que está por chover em t se, num intervalo de tempo anterior a t e próximo dele, nada ligado à possível chuva tivesse ocorrido.Por isso prefiro manter (b).

A análise das perífrases com acabar de(em seus dois sentidos) e com parar de pode seguir as mesmas linhas acima, podendo ser deixada para outra ocasião, como também o será o exame das várias conseqüências das definições propostas, relativamente a grande parte dos fatos discutidos nas seções anteriores.

NOTAS:

1. *Há porém alguns exemplos raros, assinalados por Castilho (1966) em autores brasileiros contemporâneos,*

em que começar + ger. é equivalente a começar + a + inf.:

A partir de outubro a cheia começa baixando lentamente.

Contemplando essa gente do segundo andar, me ponho imaginando a classe a que pertence.

2. No caso desta oração, a diferença temporal observada entre (31) e(32) não parece ocorrer entre (33) e "Começou autor de um conto e acabou escritor prolífico", talvez devido à natureza diferente dos sintagmas verbais.

3. Note-se que nos casos em que o aspecto é o "sucessivo" (exemplos (2), (3)), embora haja uma seqüência de ações, todas têm que ser do mesmo tipo, descrito pelo verbo no infinitivo.

4. Este último opõe-se também, por sua vez, a deixar de e parar de.

5. Esta terminologia, empregada por Reichenbach (1947) é amplamente utilizada na literatura sobre lógica temporal (cf. Smith, 1978).

6. Este paradoxo é análogo ao "imperfective paradox" para o "progressive", assinalado por Vendler (1967), e tratado, entre outros, por Dowty (1977) e König (1979).

7. Para evitar quaisquer dúvidas a respeito das inferências em questão, seria preciso especificar os

instantes em que cada oração é avaliada quanto à sua veracidade, assim como delimitar os intervalos de tempo

Assim, "João começou a falar às 15 h e parou às 18 h" implica "João falou", enquanto que "João começou a escrever um conto às 15 h e parou às 18 h" não implica que "João escreveu um conto".

8. *(51) completa assim as possibilidades de interpretação (ou ausência de interpretação) de perífrases com acabar de, já ilustradas por (13), (16), (15), (14) e (46).*

9. *Os aspectos sintáticos destas e de outras perífrases foram discutidos, entre outros, por Câmara (1972), Perini (1976), Pontes (1973), Barbara (1975), em conexão com os trabalhos de Chomsky (1957, 1965), McCawley (1971), Permutter (1970), Bach (1979), etc.*

10. *Ainda há uma diferença. No caso de que alguns, mas não todos bradaram, pode-se inferir "eles brandaram", mas a inferência análoga de "alguns morreram" a "eles morreram" é claramente inválida. É como se a perfectividade e a imperfectividade se refletissem de certa forma no uso dos quantificadores e pronomes.*

11. *O termo "ação" é usado aqui como genérico para ações, processos, estados, eventos, etc. Deixamos de lado em nossos comentários, a quinta função ilus-*

trada pelos exemplos de Klöppel, devido a sua raridade: "A mim pesou muyto quando s'ya / e comeceylhi entom a perguntar /uydades muit'amig' a la morar?". Segundo o autor, "comecei a perguntar" é aqui, simplesmente equivalente a "perguntei".

12. *Sobre estes conceitos veja-se Grice (1975,1978), Dascal (1977), Saddock (1978).*

13. *Veja-se König (1979) para uma discussão e amplificação do tratamento do progressivo por Dowty.*

14. *Esta condição garante, graças a (b), a veracidade de ~Φ pelos menos num intervalo anterior a seu começo, qualquer que seja a partição que se tem em mente.*

15. *A noção de "extensão à esquerda" é destinada a captar a contigüidade que deve existir entre Φ_o e Φ, ou seja o fato de que outras ações não se inserem entre eles. Para tanto, deverá ser formalizada de forma mais precisa, o que pode ser feito sem grande dificuldade.*

REFERÊNCIAS:

AQUIST, L. "On the analysis of some accomplishment and activity verbs". In: Rohrer, ed. (1977): 31-65.

AQUIST, L., F. Guenthner e C. Rohrer."'Soon' and 'Recently'". In: Rohrer, ed. (1977): 67-81.

BACH, E. "Tenses and Aspects as functions on verb-phrases (Typescript) (1979).

BAUSCH, K-R. Verbum und verbale Periphrase in frazösischen und ihre Transposition in englischen-deutschen und spanischen, Diss. Eberhard-Karls Univ., Tübingen, 1963.

BÁRBARA, L. Sintaxe transformacional do modo verbal, São Paulo, Ática, 1975.

CASTILHO, A.T. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa, Marília, 1966.

CHOMSKY, N. Syntactic Structures, The Hague: Mouton,1957.

CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax, Cambridge, Massachussetts: M.I.T. Press, 1965.

DASCAL, M. "Conversational relevance", Journal of Pragmatics: 1: 309-327, 1977.

DASCAL, M. "The role of temporal adverbials and the notion of 'semantic completeness'" (Typescript) (1979).

DASCAL, M. and T. Katriel, "Between semantics and pragmatics: the two types of 'but' - Hebrew 'aval' and 'ela'", Theoretical Linguistics 4: 143-172, 1977.

DOWTY, D.R. "Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective' progressive", Linguistics and Philosophy 1: 45-77, 1977.

DRETSKE, F.I. "Contrastive statements", The Philosophical Review 81: 411-437, 1972.

DUCROT, O. "Deux mais en français" (Typescript) (1976)

GAREY, H.B. "Verbal aspect in French", Language 33: 91-110, 1957.

GARNER, R. "Presupposition' in philosophy and linguistics'. In: C.J. Fillmore and D.T. Langendoen, eds. Studies in Linguistic Semantics, New York: 23-42, 1971.

GRICE, H.P. "Logic and conversation". In: P. Cole and J.L. Morgan, eds. Syntax and Semantics volume 3, New York, 1975.

GRICE, H.P. "Further notes on logic and conversation".In: P. Cole, ed. Syntax and Semantics volume 9, New York: 113-127, 1978.

HOEPELMANN, J. "Tense logic and the semantics of the Russian aspects", Theoretical Linguistics 1: 158-182,1976.

HOEPELMANN, J. "A note on the treatment of the Russian aspects in a Montaguegrammar". In: Rohrer, ed.:49-98, 1978.

KEENAN, E.L. and L.M. Faltz, Logical types for natural language, UCLA Occasional Papers in Linguistics nº 3, 1979.

KENNY, A. Action, emotion and will, London: Routledge and Kegan Paul, 1963.

KLÖPPEL, K-H. Aktionsart und Modalität in den Portugiesischen Verbal-um-schreibungen, Diss., Freie Universität Berlin, 1960.

KÖNIG, E. "On the context-dependence of the progressive in English" (Typescript) (1979).

LYONS, J. Semantics, Cambridge: Cambridge University Pr., 1977.

McCAWLEY, J.D. "Tense and time reference in English".In: C.J. Fillmore and D.T. Langendoen, eds. Studies in Linguistic Semantics, New York: 97-113, 1971.

MATTOSO CÂMARA, J. The Portuguese Language, Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

MOURELATOS, A.P.D. "Events, processes and states", Linguistics and Philosophy 2: 415-434, 1978.

PERINI, M.A. A Gramática Gerativa, Belo Horizonte: Vigília, 1976.

PERLMUTTER, D. "The two verbs 'begin'". In: R. Jacobs and P. Rosenbaum, eds., Readings in English Transformational Grammar, Waltham (Mass.),1970.

PONTES, E. Verbos auxiliares em português, Petrópolis,Vozes, 1973.

REICHENBACH, H. The elements of Symbolic Logic, New York, 1947.

ROHRER, C. "Die Beschreibung einiger spanischer Verbal-

periphrasen im Rahmen eines zeitlogischen Systems". In: Rohrer, ed.: 99-129, 1977.

ROHRER, C. On the logical analysis of tense and aspect, Tübingen: Gunter Narr, 1977.

ROHRER, C. Papers on tense, aspect and verb classification, Tübingen: Gunter Narr, 1978.

SADDOCK, J.M. "On testing for conversational implicature". In: P. Cole, ed., Syntax and Semantics volume,9, New York: 281-297, 1978.

SMITH, C.S. "The syntax and interpretation of temporal expressions in English", Linguistics and Philosophy 2: 43-99, 1978.

TESNIÈRE, L. Éléments de Syntaxe Structurelle, Paris: Klincksieck, 1965.

VENDLER, Z. "Verbs and times". In: Linguistics in Philosophy, Ithaca: Cornell University Press, 1967.